

Capes-Print: UFRJ recorre para entrar em edital

FERNANDA DA ESCÓSSIA
E SILVANA SÁ

comunica@adufjrj.org.br

Excluída do edital de Internacionalização da Capes que distribuirá R\$ 300 milhões a universidades e institutos de pesquisa, a UFRJ preparou um recurso contra o resultado preliminar anunciado pela agência de fomento. O documento será enviado nesta segunda-feira (3).

Na comunidade universitária, a semana foi marcada pela péssima repercussão da decisão da Capes, ainda mais pelo tom duro das críticas dos avaliadores. De acordo com o parecer da Capes — cuja íntegra foi publicada no boletim anterior da Adufrj —, a proposta da UFRJ é “vaga” e tenta abarcar um número excessivo de programas de pós-graduação em torno do eixo da sustentabilidade, escolhido pela universidade como tema do projeto. A Capes criticou a inclusão, no projeto para o edital, de programas avaliados com nota 4. “Ao tentar ser inclusivo, o plano perdeu a coerência estratégica”, afirma o parecer.

Na quinta-feira, o reitor Roberto Leher e a pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Leila Rodrigues, se reuniram com o presidente da Capes, Abílio Baeta. Na sexta, o tema foi tratado na reunião do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG). “Destacamos nossa perplexidade e nossa indignação com o resultado”, afirmou a pró-reitora aos conselheiros.

Professores relataram a surpresa deles e dos alunos com o fato de a UFRJ ter sido excluída. O professor Renato Ventura, do Museu Nacional, sugeriu que o recurso e o projeto de internacionalização sejam divulgados. Segundo a pró-reitora, isso será feito, mas só depois

ARGUMENTOS DO RECURSO DA UFRJ



- A proposta seguiu o edital da Capes
- A proposta tentou abranger diversas áreas de pesquisa dentro da universidade
- Os programas nota 4 incluídos na proposta já estão em fase de internacionalização; o edital não proibia a participação desses programas
- Sobre a crítica da Capes ao fato de que seria necessário ter, no comitê gestor, maior número de pesquisadores CNPq nível 1A, a universidade informará que só um dos quatro integrantes do comitê é nível 1B, com excelente atuação

QUEM INTEGRA A PROPOSTA DA UFRJ

- **58** programas de pós-graduação
- **35** programas avaliados com notas **6 e 7**
- **16** com notas **5**
- **7** avaliados com conceito **4**
- A UFRJ tem **129** programas de pós-graduação, **42** avaliados com notas **6 e 7**

do envio à Capes. Além do recurso, a UFRJ fará um memorial detalhando o projeto, com o aval dos coordenadores dos programas de pós-graduação.

O recurso da UFRJ destaca sete pontos para rebater a Capes e reafirma que cumpriu o previsto no edital. Sobre os programas nota 4, explica que eles não eram proibidos e que foram incluídos apenas os que já estão em processo de internacionalização. Sobre a falta, no comitê gestor do projeto, de mais pesquisadores do CNPq nível 1A (crítica feita pela Capes), aponta que só um dos quatro integrantes do comitê é nível 1B.

O professor Bruno Diaz, do Instituto de Biofísica e membro do núcleo PrInt, criticou: “Nossa proposta é de inclusão”.

Nenhuma universidade pública do Rio foi aprovada. Para a UFRJ, maior universidade federal do país, o resultado é mais preocupante. A internacionalização é um dos eixos da avaliação universitária, e a UFRJ tem perdido posições em alguns rankings, como o britânico THE. Questionada sobre os motivos para que a UFRJ tenha ficado de fora do edital, a Capes informou que não se pronunciaria, porque o prazo de recursos está aberto. Segundo a Capes, para as universidades não contempladas, haverá um programa ainda este ano, com a contratação de consultores para auxiliar na estruturação de projetos de internacionalização. Novo edital será lançado em 2019. **(Colaborou Kelvin Melo)**

Adufrj oferece curso de extensão

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A Adufrj vai oferecer o curso de extensão “Interpretações sobre o Brasil contemporâneo”. Podem se inscrever professores, alunos e técnicos-administrativos da UFRJ, além do público externo. O curso acontece no período de 12 de setembro a 24 de outubro, sempre às quartas-feiras e aos sábados, com foco em temas políticos e econômicos. A professora e socióloga Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, presidente da Adufrj, coordena a iniciativa e explica o objetivo da empreitada: “Resolvemos promover este curso porque achamos importante compartilhar o conhecimento produzido pelos professores. É uma forma de aumentar a qualificação de técnicos e estudantes e colaborar com a troca

entre os professores”, avalia.

O único pré-requisito para se inscrever é ter graduação. A inscrição poderá ser feita pelo site da Adufrj: www.adufjrj.org.br. Lá você encontra também a programação completa. “Os palestrantes são reconhecidos nacional e internacionalmente. Esperamos que a participação da comunidade universitária seja ativa”, diz Maria Lúcia.

No futuro, a diretoria pretende oferecer outros cursos sobre temas variados. “Este é apenas o primeiro. Queremos promover outros e colocar a Adufrj na linha da formação política, sindical e social”, conclui a docente.

INFORMAÇÕES

Cada uma das aulas será ministrada por um renomado professor da UFRJ ou de outras universidades públicas.

12/9 - Claudio Salm
Instituto de Economia da UFRJ

15/9 - Laura Carvalho
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

19/9 - Esther Dweck
Instituto de Economia da UFRJ

22/9 - David Kupfer
Instituto de Economia da UFRJ

26/9 - Carlos Medeiros
Instituto de Economia da UFRJ

29/9 - Flávio Gomes
Instituto de História da UFRJ

03/10 - Joel Birman
Instituto de Psicologia da UFRJ

06/10 - Charles Pessanha
Instituto de Economia da UFRJ

10/10 - José Mauricio Domingues
Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj

17/10 - Plínio de Arruda Sampaio Jr.
Instituto de Economia da Unicamp

20/10 - Raquel Rolnik
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

24/10 - Wanderley Guilherme dos Santos
Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj

Início: dia 12 de setembro
Aulas: às quartas-feiras, das 17h30 às 20h30;
aos sábados, das 9h às 12h30.
Campus da UFRJ na Praia Vermelha

Professores terão novo plano de saúde

> Operadora escolhida pela Adufrj foi a SulAmérica, e venda de planos começa na segunda semana de setembro. Sindicato acompanha reajustes

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

A SulAmérica será a operadora do novo plano de saúde dos professores associados à Adufrj. A escolha da empresa é uma resposta à crise sofrida em convênio anterior firmado com a Unimed — em julho, o boleto dos docentes sofreu um reajuste de 42,5%: “Um reajuste muito acima da inflação anual e muito maior que o autorizado pela Agência Nacional de Saúde para os planos individuais. Isso gerou uma insatisfação muito grande”, afirmou a vice-presidente da Adufrj, Ligia Bahia.

Pouco depois do aumento abusivo, a associação docente rompeu com a administradora de benefícios IBBCA, que também oferecia planos de outras empresas para os professores: “A ideia é não ter essa diversidade, pois nossa capacidade de negociação fica muito precária”, destacou a vice-presidente.

Pelo novo plano, que deve começar a ser vendido na segunda semana de setembro, a diretoria da Adufrj terá maior capacidade de negociação à época dos reajustes anuais e controle das informações relacionadas aos futuros usuários.

As informações sobre a forma de adesão ainda serão divulgadas. As tabelas de preços do plano e as redes médica e laboratorial já podem ser conferidas no site da Seção Sindical.

O anúncio da SulAmérica foi feito em reunião realizada na Escola de Química, no dia 29. A atividade foi transmitida pelo site e pelo perfil da Adufrj no Facebook: “A venda do plano terá períodos determinados para controlarmos quem está comprando o quê. Para quem tem plano há mais tempo, não haverá carência”, completou a professora Ligia.

Também vice-presidente da Adufrj, o professor Eduardo Raupp observou que a legislação do país é muito desfavorável aos trabalhadores na relação com as grandes empresas de saúde: “Sabemos

que a solução está longe. Tem a ver com modificação das leis e com a melhoria do sistema público de saúde”, disse.

Eduardo Raupp ressaltou que, mesmo diante das limitações da lei, a negociação feita pela Adufrj conseguiu eliminar a taxa de corretagem na adesão ao novo plano. Também será ampliada a ingerência da associação docente no monitoramento do contrato: “Isso vai nos permitir acompanhar o processo de reajuste e controlar a rede credenciada”, exemplificou.

ESCOLHAS DENTRO DO PLANO

Dentro do plano, além das variações por faixas etárias, existem as diferenças de valores para quem optar por quarto coletivo ou quarto individual. E entre a coparticipação (quando o usuário paga uma porcentagem de cada atendimento, além da mensalidade) ou não. Também haverá um plano só hospitalar, ou seja, sem cobertura para exames e consultas.

PORTAS ABERTAS AOS NOVOS DOCENTES

Depois de seis anos de docência na Alemanha, Antônio Martins voltou ao Brasil como professor da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ: “O país vive um momento difícil e é preciso lutar pela educação de qualidade”, explicou. Núbia Armond, professora da Uerj, reforçará a equipe do Instituto de Geociências (Igeo). Antônio, Núbia e outros 90 docentes participaram da cerimônia de posse no dia 29, no Igeo.

A presidente da Adufrj, Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, e o diretor Felipe Rosa destacaram adversidades do momento político para a universidade e

a importância da participação dos professores. “A representatividade é um desafio numa associação como a nossa”, frisou Maria Lúcia. “Temos formações, ideias, referências diversas e às vezes conflitantes”. Nove recém-concursados se filiaram à Adufrj. Felipe Rosa reforçou o valor da integração: “Somos uma universidade grande. Graças à Adufrj, conheci mais a UFRJ”. Maria Lúcia convidou os colegas para conhecer o sindicato e serviços oferecidos sem custo extra, como o Plantão Jurídico. O Plantão atua em ações variadas, desde reajustes de salário até questões de assédio moral e sexual. **(Elisa Monteiro)**



NOVOS DOCENTES: Adufrj oferece serviços

OPOSIÇÃO GANHA ELEIÇÃO PARA DECANIA DO CCJE

■ O professor Flávio Martins será o novo decano do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Ele venceu o atual decano, professor Vitor Iorio. A eleição ocorreu entre os dias 28 e 30 de agosto e as urnas foram abertas na noite da última quinta-feira. O resultado será homologado no Conselho do CCJE na segunda-feira.

A chapa 2, de Martins, venceu nos três segmentos — estudantes, professores e funcionários. Entre os docentes, a chapa 1, de Iorio, obteve 111 votos contra 181. Entre os estudantes, o atual decano conquistou 819 eleitores contra 1.122



FLÁVIO MARTINS Novo decano do CCJE

de Flávio Martins. Já entre os técnicos, o resultado foi mais apertado, com 77 votos para a Chapa 1 e 98 para adversária. Não foi uma eleição fácil. Ex-diretor da Faculdade Nacional de Direito, Flávio Martins ganhou na FND, no Instituto de Economia e no Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Copped). Iorio foi vitorioso na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) (menos entre os técnicos), no Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), e no Instituto de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR).

AduFRJ

NAS ELEIÇÕES 2018

O Brasil elegerá o próximo presidente da República em tempos conturbados, marcados pelo aumento da intolerância e pelo desencanto do eleitor com partidos políticos. A Adufrj entende que é seu papel colaborar para a qualificação do debate político, com a defesa intransigente da democracia e da universidade pública. A partir de hoje e até o fim do segundo turno, a newsletter "Adufrj nas Eleições 2018" oferecerá artigos e análises de professores da UFRJ sobre o período eleitoral. Os textos serão enviados por e-mail aos associados e circularão no formato impresso, encartados no Boletim da Adufrj.

Artigo

WANDERLEY GUILHERME DOS SANTOS

Cientista político, professor aposentado de Teoria Política da UFRJ, autor de "Cidadania e Justiça" e "Horizonte do Desejo - Instabilidade, Fracasso Coletivo e Inércia Social"

As eleições intermináveis

Em novembro de 2018 serão publicadas inúmeras análises revelando a linha de causalidade que, a partir de junho de 2013, desaguou necessariamente nos resultados eleitorais de outubro. Chama-se retrodição. Historiadores semiamadores costumam divertir-se competindo pela retrodição mais aceitável pelo público. Historiadores maduros são mais sóbrios e cautelosos. E por uma arquipoderosa razão: ontem, ou anteontem, poderiam ter sido completamente diferentes do que foram em linha reta do mesmo mês de junho de 2013. Ou melhor, e aí é que está o problema: não em linha reta, mas a retidão da história retro dita ignora os vários tropeços, recuos e hesitações da contemporaneidade dos acontecimentos, selecionando, a posteriori, os tropeços que, agora, aparecem como passos firmes.

Na atual contemporaneidade, o que a distingue das anteriores não são acidentes e contingências que, mesmo ignorados pelas retrodições, não comprometem a plausibilidade das diversas narrativas em linha reta. Eram variações em um mesmo clima competitivo, não

obstante as diferentes ênfases e eventuais exclusões de personagens. Da atual contemporaneidade acredito que brotem narrativas em armaduras, como se atribuíssem reta racionalidade a mundos completamente opostos. Ou seja, as eleições de outubro próximo não terminarão depois de computados os votos.

Elas continuarão nos conflitos de visões exacerbadas que, elaborando eu próprio uma retrodição, vieram a público em junho de 2013 e se transformaram, ao longo de cinco anos, em cosmologias, diriam os antropólogos, irreconciliáveis. Não me arrisco a especular sobre o futuro dessa impossibilidade de reconciliação. Quase todos os futuros são, em princípio, possíveis, mas poucos são prováveis. Mesmo estes, se existem agora, estão disfarçados.

Nunca houve uma eleição em que há uma candidatura cujo enigma consiste em decifrar se será capaz de transformar-se em outra. Quer dizer, capaz, será, mas com que eficácia? Episódios como o do desastre que atingiu o candidato do PSB, em 2014, e elevou Marina Silva ao protagonismo principal, não provocou incertezas: ambos eram nacionalmente conhecidos como pessoas

com preferências políticas nítidas e atitudes marcantes. Embora ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, a verdade é que, em eleitorado de milhões de pessoas, Fernando Haddad é praticamente desconhecido. A aposta no sucesso do transformismo eleitoral de última hora, ainda que anunciado, supõe uma capitania de votos lulistas, mais do que petistas, não muito comum em lideranças democráticas.

Mas consiste precisamente nessa incerteza o indeterminismo generalizado das trajetórias dos demais candidatos. Se a estratégia obtiver êxito, o que acontecerá com os demais postulantes? As pesquisas nunca foram tão parcas de indicações, pois, a rigor, entre os mais competitivos, é difícil estimar qual chegará, não em primeiro, mas em último lugar. Finalmente, está claro que o empresário ainda não escolheu seu candidato. E mesmo sem o financiamento legal às campanhas ninguém acredita que os comandantes da economia não se farão sentir no desdobramento delas.

Também isto é inédito. Por isto, o que me ocorre como interpretação é a de que as eleições continuarão por outros meios depois de outubro de 2018.

ENERALDO CARNEIRO



Artigo

IVO COSER

Coordenador do Núcleo de Teoria Política da UFRJ

Muito tempo de propaganda na TV não é sinônimo de sucesso eleitoral

Uma das inúmeras perguntas que os cidadãos devem estar se fazendo diz respeito ao impacto do tempo de propaganda no resultado das eleições.

Será que a propaganda eleitoral incide sobre o resultado eleitoral? A resposta é sim. Mas é preciso ter cuidado na resposta. É preciso analisar com vagar os dados. Vejamos os dados que reforçam a resposta que sustenta que há uma correlação entre o tempo de televisão e o resultado eleitoral.

É difundida a visão de que no Brasil não existem partidos políticos, sem entrar no mérito de um juízo tão vasto quanto este, uma coisa é certa: sem partidos bem estruturados ninguém se elege.

Uma pesquisa que tomou como base as campanhas para prefeito de capital (2004, 2008 e 2012), governador (2002, 2006 e 2012) e presidente (1998, 2002, 2006 e 2010) revela uma correlação favorável entre o tempo de propaganda e o sucesso eleitoral: 40,3% daqueles que iniciam a campanha com o maior tempo de propaganda venceram, enquanto que 38,9% dos que tiveram o segundo maior tempo ganharam as eleições (Borba e Figueiredo, 2014). Ou seja,



ANDRÉ HIPPERTT

os candidatos que tiveram o primeiro e o segundo maior tempo de propaganda ganharam em mais de 70% dos pleitos.

Entretanto, alguns pontos fora da curva merecem atenção. Em 1989, Ulysses Guimarães (PMDB) tinha o maior tempo de propaganda, 22 minutos, e terminou com 4,73% dos votos. Em 1994 Orestes Quéricia (PMDB) tinha 6m e 15s, o segundo maior tempo, abaixo apenas de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) com 7m e 49s, e amealhou apenas 4,38% dos votos, abaixo de Enealdo Carneiro (PRONA) que tinha apenas 1m, inclusive daí o seu famoso bordão: Meu nome é Enealdo. O que estes dois casos mostram é o tempo de propaganda não é um trunfo absoluto. Por mais que muitos falem na força da mídia eletrônica, do papel da propaganda e do marketing político, estes instrumentos não se impõem sozinhos. Ninguém duvida que as candidaturas de Ulysses Guimarães e Orestes Quéricia tinham recursos de mídia robustos e bem elaborados, o que levou o seu fracasso foram vários fatores.

Mas um merece atenção: o partido e a coligação os abandonaram.

É difundida a visão de que no Brasil não existem partidos políticos, sem entrar no mérito de um juízo tão vasto quanto este, uma coisa é certa: sem partidos bem estruturados ninguém se elege. Mesmo com tempo de propaganda e recursos de marketing. Por estrutura partidária entenda-se candidatos a deputados, federais e estaduais, governadores e senadores e, também, prefeitos. Pode-se supor como um dado proveniente do bom senso que após 29 anos de competição eleitoral foram criados vínculos eleitorais. Em outras palavras, estruturas eleitorais foram montadas, as quais muitas vezes mudam de sigla, mas elas estão lá operando.

Devemos nos perguntar: nesta eleição qual será a interação entre o tempo de propaganda e a estrutura partidária? Porque de uma coisa podemos ter certeza: nas últimas eleições o tempo de propaganda e a estrutura partidária estiveram relacionadas.

Professores vão analisar campanha presidencial

> Newsletter com artigos de docentes da UFRJ será distribuída por e-mail e também encartada no Boletim da Adufrj

FERNANDA DA ESCÓSSIA
fernanda@adufrij.org.br

Como entender a eleição presidencial que se avizinha? Qual o impacto, para a universidade, das propostas dos candidatos a presidente da República? Num momento político conturbado, a Adufrj entende que é preciso estimular o debate político de qualidade e contribuir para a discussão de propostas.

Com essa perspectiva, a partir desta semana a Adufrj oferecerá a seus associados a newsletter "Adufrj nas Eleições 2018", com artigos e análises de professores da UFRJ sobre a eleição presidencial. A newsletter será distribuída por e-mail e publicada em formato impresso, encartada semanalmente no **Boletim da Adufrj**, até o fim da disputa eleitoral. Os textos serão distribuídos para os meios de comunicação.



“Estamos a menos de 40 dias das eleições. Há inúmeros problemas de segurança, de saúde, de ciência e tecnologia. Os professores da universidade devem se pronunciar a respeito. Nossa ideia é proporcionar esse novo canal de comunicação e mobilização entre os professores da universidade”, afirmou a professora Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, presidente da Adufrj.

No entendimento da professora Maria Lúcia, num momento de crise como o que o Brasil atravessa, o papel da universidade — produzir e transmitir conhecimento — se torna mais relevante. “Num momento de crise institucional e econômica, em que a gente se prepara para eleger o próximo presidente, o próximo governador, o próximo Congresso, está se demandando análise, discussão, e esse é o papel da universidade”, destacou a presidente da Adufrj.

As análises vão abordar temas varia-

dos, desde as alianças políticas e os partidos até saúde, educação e inovação. Em sua estreia, a newsletter “Adufrj nas Eleições 2018” traz artigos do cientista político Wanderley Guilherme do Santos, professor aposentado de Teoria Política da UFRJ, e Ivo Coser, coordenador do Núcleo de Teoria Política do IFCS/UFRJ. Santos fala das “eleições intermináveis” de 2018 — que, em seu entendimento, não acabarão após a votação. “Nunca houve uma eleição em que há uma candidatura cujo enigma consiste em decifrar se será capaz de transformar-se em outra. Quer dizer, capaz, será, mas com que eficácia?”, problematiza Santos.

Coser analisa o papel da propaganda eleitoral e dos partidos no sucesso de uma campanha. No próximo número, o professor Ildeu de Castro Moreira, presidente da SBPC, falará de universidade, e o professor Carlos Frederico Leão Rocha, dos rumos da economia.

TV Adufrj

SEMPRE ÀS SEGUNDAS E SEXTAS
VÍDEOS SOBRE O COTIDIANO DA UFRJ
ACOMPANHE NOSSOS PROGRAMAS
www.youtube.com/user/adufrij

▶ SEXTA, 31/8, 17H



■ **Minerva Debate** - Professores e dirigentes debatem a saída do Print e a reprovação da CAPES



■ **Arte no Campus** - Com criatividade e crítica social, exposição abre as lixeiras do preconceito

▶ SEGUNDA, 3/9



■ **Adufrj nas Eleições** - Pesquisador analisa programa dos presidenciais para a universidade



■ **Palavra da Diretoria** - Adufrj explica as mudanças no novo plano de saúde do sindicato